

Comentário TEAR: teologia, exegese, arqueologia e reflexão

Produzido por Julio Cesar Ribeiroⁱ

Lição da Escola Sabatina | 4º Trimestre de 2026

O Dom de Profecia

Lição 2 | O chamado de um profeta

3 a 9 de outubro de 2026

Verso para memorizar: Isaías 6:8

Sábado à tarde | O chamado que ninguém desejaria para si

Quando pensamos em um profeta, é fácil imaginar alguém privilegiado porque recebe revelações de Deus. Porém, a Bíblia apresenta uma realidade bem menos glamourosa. Ser chamado por Deus para transmitir Sua Palavra quase nunca significava prestígio, tranquilidade ou aceitação popular. Moisés tentou apresentar razões para não ir (Ex 3-4); Jeremias alegou ser jovem demais (Jr 1:6); Jonas simplesmente fugiu (Jn 1:3); e Amós fez questão de esclarecer que não pertencera a uma corporação profissional de profetas antes de Deus tirá-lo do cuidado do rebanho (Am 7:14, 15). Isaías responde prontamente: “Eis-me aqui, envia-me a mim”, mas somente depois de ter sido confrontado pela santidade divina e purificado (Is 6:5-8).

Isso nos oferece um primeiro critério importante para compreender o chamado profético: na Bíblia, o profeta verdadeiro não é alguém que se nomeia porta-voz de Deus; é alguém chamado por Deus. A origem da vocação não está na ambição do mensageiro. Em muitos casos, o chamado interrompe a vida que a pessoa pretendia levar e a coloca diante de uma responsabilidade que ela não escolheria por conta própria.

Há aqui também um interessante dado histórico. A profecia não era um fenômeno exclusivo de Israel. Documentos encontrados no antigo Oriente Próximo, especialmente nas cartas da cidade de *Mari*, do segundo milênio a.C., e em textos neoassírios do primeiro milênio a.C., registram pessoas que afirmavam transmitir mensagens de divindades a reis e comunidades. Hoje conhecemos mais de uma centena desses documentos.

Portanto, a singularidade da profecia bíblica não está simplesmente na existência de alguém dizendo “recebi uma mensagem divina”. Essa afirmação também existia fora de Israel. A questão bíblica sempre foi quem enviou o mensageiro, se sua mensagem estava de acordo

com a revelação de Deus e quais frutos ela produzia. Mais adiante neste trimestre, quando chegarmos aos testes de um profeta, essa distinção será fundamental.

Por isso, Isaías 6:8 não deve ser transformado apenas em um bonito lema missionário. “Eis-me aqui, envia-me a mim” nasce depois de “Ai de mim!” (v. 5) e depois de “a sua culpa foi removida” (v. 7). Na sequência do texto, primeiro vem o encontro com a santidade de Deus, depois o reconhecimento da própria condição, então a graça que purifica e, somente depois, o envio. O chamado verdadeiro começa menos com a confiança no mensageiro e mais com sua absoluta dependência de Deus.

Domingo | Abraão, defensor da aliança

A escolha de Abraão para abrir a sequência é interessante porque normalmente não pensamos nele primeiro como “profeta”. Pensamos no patriarca, no homem da fé ou no pai da nação. No entanto, Gênesis 20:7 contém um detalhe importante: Abraão é a primeira pessoa na Bíblia explicitamente chamada de “profeta”, em hebraico *navi*. E o contexto torna isso ainda mais significativo. Deus diz a Abimeleque que Abraão é profeta e que orará por ele.

Isso amplia nossa compreensão da profecia. O profeta não é apenas aquele que fala da parte de Deus para as pessoas; em alguns textos, aparece também como alguém que intercede pelas pessoas diante de Deus. Abraão já havia exercido essa função em Gênesis 18, quando intercedeu por Sodoma. A dimensão profética envolve palavra, aliança, oração e mediação.

Mas Abraão é também um excelente exemplo porque sua história impede que idealizemos o profeta como alguém sem fraquezas. O mesmo homem que deixa sua terra em obediência a Deus também demonstra medo no Egito e em Gerar. O homem de Gênesis 15:6 também é aquele que tenta solucionar a promessa divina por meio de Agar em Gênesis 16. Isso é importante: Deus não chama pessoas porque já chegaram à perfeição; chama pessoas que precisarão continuar aprendendo a confiar Nele.

Gênesis 15:6 talvez seja o texto-chave do dia: “Abraão creu no Senhor, e isso lhe foi atribuído para justiça”. O verbo hebraico traduzido por “creu” vem da raiz *'aman*, a mesma família de palavras da qual deriva o nosso “amém”. A ideia não é apenas aceitar intelectualmente que determinada informação é verdadeira. Há um sentido de confiar, apoiar-se, considerar alguém digno de confiança. Abraão colocou sua confiança na promessa porque confiava naquele que havia feito a promessa.

Paulo recupera exatamente esse texto em Gálatas 3 e Romanos 4. Um detalhe cronológico é teologicamente importante: Gênesis 15:6 acontece antes da circuncisão, instituída

em Gênesis 17. Paulo utiliza essa ordem para mostrar que Abraão não foi aceito por Deus por causa de um marcador externo de pertencimento à aliança. A justiça lhe é creditada mediante a fé. Isso não transforma a obediência em algo irrelevante, e a própria vida de Abraão demonstra o contrário, mas coloca as coisas em sua ordem correta: a obediência é resposta à graça, não moeda utilizada para comprá-la.

Quando chegamos a Gênesis 22, essa fé é submetida a uma prova extrema. Aqui precisamos evitar uma leitura apressada. O relato não legitima sacrifício humano. Pelo contrário, seu desfecho é justamente a interrupção do sacrifício de Isaque e a provisão divina de um substituto. Dentro do conjunto do Pentateuco, onde sacrifícios humanos serão expressamente rejeitados, o Deus de Abraão distingue-Se das práticas religiosas que exigiam a morte de filhos.

O detalhe mais forte talvez esteja na frase de Abraão: “Deus proverá para Si o cordeiro” (Gn 22:8). No final, um carneiro é oferecido “em lugar de seu filho” (v. 13). A ideia de substituição aparece de maneira muito concreta. Na leitura cristã da história bíblica, isso inevitavelmente aponta para o evangelho: no monte, Abraão não precisou entregar seu filho; séculos depois, Deus entregaria o Seu. Portanto, o profeta da aliança não é definido por impecabilidade, mas por uma vida progressivamente ensinada a confiar no Deus da promessa.

Segunda-feira | A mensagem de Elias

Para entender melhor o confronto do Carmelo, é preciso conhecer um pouco o mundo religioso de Israel naquele período. Baal não era apenas “mais um ídolo”. Na religião cananea, Baal estava associado especialmente à tempestade, à chuva e à fertilidade da terra. Textos encontrados em *Ugarit*, na atual Síria, ajudam muito a compreender esse pano de fundo. Escavações iniciadas em *Ras Shamra* em 1929 revelaram uma cidade com importantes templos ligados a Baal e Dagan, além de textos religiosos que descrevem Baal como divindade da tempestade e da fertilidade.

Isso transforma a seca anunciada por Elias em algo muito mais teológico do que simplesmente uma calamidade natural. Quando o profeta declara que não haverá orvalho nem chuva senão segundo sua palavra (1Rs 17:1), o Deus de Israel está confrontando Baal justamente no terreno em que seus adoradores acreditavam que ele possuía poder. Quem controla a chuva? Quem dá fertilidade à terra? Quem realmente sustenta a vida?

No Carmelo, esse confronto chega ao clímax. Há um detalhe literário no hebraico que vale a pena observar. Elias pergunta ao povo: “Até quando vocês vão *coxear* entre dois

pensamentos?” (1Rs 18:21). O verbo utilizado é *pasah*, que pode descrever alguém mancando ou saltando de maneira irregular. Alguns versículos depois, quando os profetas de Baal realizam seu ritual em torno do altar, o narrador utiliza o mesmo verbo: eles “saltavam” ou “coxearam” ao redor do altar (v. 26).

A ironia é forte. Israel está “mancando” espiritualmente entre duas lealdades, enquanto os profetas de Baal “mancam” fisicamente ao redor de seu altar. Elias não pede ao povo que simplesmente acrescente *Yahweh* à sua lista de devoções. A pergunta exige decisão: “Se o Senhor é Deus, sigam-No; se Baal é deus, sigam-no”.

Há ainda outro contraste impressionante. Os profetas de Baal gritam, dançam e ferem o próprio corpo, tentando provocar uma resposta divina. Elias simplesmente repara o altar, ora e espera. Quando o fogo desce, o povo finalmente declara: “O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!” (v. 39). O ponto não é demonstrar que Elias sabe realizar rituais mais eficientes. É mostrar que o verdadeiro Deus não precisa ser manipulado pelo ser humano.

Depois do fogo, vem a chuva. Isso completa a mensagem. *Yahweh* não apenas vence o suposto deus da tempestade por meio do fogo; demonstra que Ele próprio pode devolver a chuva à terra. O Carmelo é uma confrontação pública sobre quem realmente é Deus.

Malaquias 4:5, 6 utiliza Elias como modelo de uma futura obra de restauração, e Lucas 1:17 aplica essa linguagem ao ministério de João Batista: ele viria “no espírito e poder de Elias”. Portanto, a “mensagem de Elias” não significa necessariamente imitar o temperamento ou repetir literalmente os métodos de Elias. Seu núcleo é *chamar* um povo dividido de volta à fidelidade exclusiva ao Senhor.

Isso também ajuda a compreender a aplicação à família em Malaquias. A restauração dos “corações dos pais aos filhos e dos filhos a seus pais” mostra que reavivamento verdadeiro não se mede apenas pela intensidade de reuniões religiosas. Se a fé não alcança os relacionamentos mais próximos, algo ficou incompleto. O mesmo Deus que restaura o altar também deseja restaurar a casa.

Terça-feira | Isaías, o profeta do evangelho

Isaías 6 começa com uma informação aparentemente simples: “No ano da morte do rei Uzias”. Mas essa abertura cria um poderoso contraste. Morre um rei que governou Judá durante décadas; no entanto, Isaías entra no templo e vê outro Rei assentado em Seu trono. Governantes humanos passam. O trono de Deus permanece.

Diante dessa visão, os serafins proclamam: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Is 6:3). O nome “serafim” é geralmente relacionado à raiz hebraica *saraf*, “queimar”, razão pela qual muitas vezes se fala em “seres ardentes”. Já a repetição de “santo” três vezes intensifica a declaração. No hebraico bíblico, a repetição é uma maneira de dar ênfase. O texto certamente é compatível com a fé cristã na Trindade, mas seria exagerado afirmar que a repetição tripla, sozinha, é uma “prova gramatical” da Trindade. A ênfase imediata está na santidade absoluta de Deus.

E essa santidade produz uma reação interessante. Isaías não começa dizendo: “Eis-me aqui”. Primeiro diz: “Ai de mim!”. O encontro com Deus não aumenta sua autoestima profética; revela sua indignidade. Mais especificamente, ele confessa ser “homem de lábios impuros” vivendo no meio de um “povo de lábios impuros”. Para alguém que será chamado justamente para falar, o problema identificado está nos lábios.

Então acontece algo fundamental: um dos serafins toca seus lábios com uma brasa do altar e anuncia que sua culpa foi removida e seu pecado perdoado. Só depois disso Isaías ouve: “A quem enviarei?” A ordem teológica é importante: Deus não envia Isaías para que ele seja purificado pelo trabalho; purifica Isaías para então enviá-lo ao trabalho. Ministério não é instrumento para obter graça. Ministério é resposta de quem já foi alcançado pela graça.

Agora, sim, surge a expressão hebraica *hinneni*, “Eis-me aqui”. Não significa simplesmente “estou localizado aqui”. É uma maneira de apresentar-se disponível: “aqui estou, pronto”. Abraão responde assim a Deus (Gn 22:1); Moisés responde assim diante da sarça (Ex 3:4); Samuel também o fará (1Sm 3:4). Em Isaías, *hinneni* torna-se a resposta de alguém que acabou de descobrir duas coisas simultaneamente: sua própria insuficiência e a suficiência da graça de Deus.

Então a Lição conduz a Isaías 53, e aí encontramos uma das expressões mais fortes da natureza redentiva da profecia. O capítulo não apresenta apenas que o Servo sofreria; explica em favor de quem sofreria. Os pronomes são importantes: “pelas *nossas* transgressões”, “pelas *nossas* iniquidades”, “o castigo que *nos* traz a paz”, “pelas suas feridas *fomos* sarados” (Is 53:5). O movimento é substitutivo: o Servo sofre em favor de outros.

Para o cristão, a identificação desse Servo com Jesus não depende apenas de uma semelhança percebida muitos séculos depois. O próprio Novo Testamento faz essa leitura. Em Atos 8:32-35, o eunuco etíope está lendo exatamente Isaías 53 e pergunta a Filipe de quem o profeta está falando; a partir daquele texto, Filipe “anunciou-lhe Jesus”. A epístola de 1 Pedro 2:22-25 também utiliza a linguagem de Isaías 53 para interpretar a morte de Cristo.

Isso nos ensina algo importante sobre o dom profético: profecia bíblica não existe principalmente para alimentar curiosidade sobre datas e eventos futuros; ela revela o plano e o caráter salvador de Deus. Em Isaías, o futuro anunciado tem Cristo no centro.

Quarta-feira | Daniel, o vidente fiel

O próprio nome Daniel já carrega uma mensagem: *Dani'el* pode ser entendido como “Deus é meu juiz”. Isso combina de maneira interessante com um livro em que reis, impérios e poderes humanos parecem dominar a história, mas no qual o julgamento final pertence a Deus.

Há também uma característica literária do livro que muitos leitores não percebem. Daniel foi escrito em duas línguas principais. O livro começa em hebraico; a partir de Daniel 2:4b passa para o aramaico, uma importante língua internacional utilizada no antigo Oriente Próximo naquele período; e retorna ao hebraico em Daniel 8. É interessante que boa parte das histórias envolvendo reis pagãos e grandes impérios esteja justamente na seção aramaica. A razão exata dessa alternância entre hebraico e aramaico, entretanto, continua sendo discutida pelos estudiosos, por isso convém não transformar uma possível explicação literária em conclusão definitiva.

Daniel é também um bom exemplo de que o testemunho profético não acontece apenas quando o profeta está pronunciando uma mensagem formal. Antes de Nabucodonosor ouvir a interpretação do sonho, observa a vida de Daniel. Antes que Dario publique seu decreto reconhecendo o Deus de Daniel, vê a fidelidade daquele homem diante de uma ameaça de morte.

Por isso, Daniel 1:8 merece atenção. O texto diz que Daniel “resolveu firmemente” não se contaminar. Literalmente, a expressão hebraica traz a ideia de colocar ou estabelecer algo sobre o coração. A grande fidelidade diante da cova dos leões em Daniel 6 não aparece de repente. O Daniel que permanece em pé diante de uma sentença de morte é o mesmo que aprendeu muito antes a tomar decisões de consciência quando aparentemente havia menos coisa em jogo.

Também é importante ler com cuidado as declarações feitas pelos reis pagãos. Quando Nabucodonosor diz que o Deus de Daniel é “Deus dos deuses e Senhor dos reis” (Dn 2:47), isso é uma declaração extraordinária, mas o restante de sua história mostra que seu entendimento ainda precisaria crescer. Em Daniel 3 ele erguerá uma imagem e exigirá adoração; somente depois da experiência relatada em Daniel 4 encontraremos um testemunho mais

profundo de sua humilhação diante do Deus do Céu. A Bíblia não apresenta transformação humana de maneira artificialmente instantânea.

Quanto a Daniel 2, nós adventistas estamos bastante familiarizados com a sequência profética dos reinos. Isso é importante dentro da leitura historicista. Contudo, há o risco de ficarmos tão concentrados em identificar os metais da estátua que percamos o clímax do sonho. A profecia não termina no ferro, no barro ou nos dedos dos pés. Termina na pedra que não foi cortada por mãos humanas e no reino que o Deus do Céu estabelecerá e que “jamais será destruído” (Dn 2:44).

O contraste fundamental do capítulo é entre reinos humanos que aparecem e desaparecem e um reino que não depende da capacidade humana para existir. A expressão “não cortada por mãos” ressalta justamente essa origem não humana. Portanto, mesmo quando estudamos cuidadosamente a sucessão dos impérios, o centro teológico de Daniel 2 continua sendo esperança: a história não terminará nas mãos de Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma ou qualquer outro poder humano. O último reino pertence a Deus.

Quinta-feira | João Batista, preparando um povo

Marcos começa o ministério de João Batista de uma maneira particularmente rica. Em Marcos 1:2, 3 aparece uma citação apresentada como proveniente de Isaías, mas, na realidade, o evangelista combina linguagem de Malaquias 3:1 com Isaías 40:3. Esse tipo de citação combinada não era incomum no mundo judaico antigo; o nome do profeta mais importante ou da passagem principal podia representar o conjunto da citação.

O ponto principal, porém, é aquilo que Marcos faz com Isaías 40. No contexto original, Isaías anuncia consolação a um povo exilado e descreve uma voz clamando no deserto para preparar “o caminho do Senhor”. É linguagem de retorno, restauração, quase um novo êxodo. Marcos utiliza essa imagem para apresentar João: algo novo está começando; Deus está vindo ao encontro de Seu povo.

E há mais. Em Isaías, prepara-se o caminho para o próprio Senhor. Em Marcos, João prepara o caminho para Jesus. Isso confere à abertura do evangelho uma densidade cristológica enorme. João não aparece para construir um movimento em torno de si. Sua existência aponta para alguém que vem depois dele.

Até sua aparência comunica uma mensagem. Marcos 1:6 descreve João vestido de pelos de camelo e com um cinto de couro. Compare com 2 Reis 1:8, onde Elias é reconhecido por sua veste característica e pelo cinto de couro. Não surpreende, então, que o Novo Testamento

veja João exercendo sua missão no “espírito e poder de Elias” (Lc 1:17). Não significa que João fosse Elias reencarnado; significa que desempenhava uma missão semelhante: chamar um povo afastado de volta para Deus e prepará-lo para uma intervenção decisiva do Senhor.

A palavra “arrependimento”, tão central no ministério de João, traduz o grego *metanoia*. É comum explicá-la simplesmente como “mudança de mente”, e há verdade nisso, mas seu pano de fundo bíblico é ainda mais rico. A pregação profética do Antigo Testamento frequentemente utiliza o verbo hebraico *shuv*, “voltar, retornar”. Arrepende-se é mais do que sentir remorso. É mudar de direção, voltar para Deus.

Então chegamos à prisão de João e a uma cena profundamente humana. O mesmo homem que havia apontado para Jesus como o Messias envia discípulos perguntando: “És Tu Aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (Mt 11:3). A Bíblia não esconde o momento de perplexidade do profeta.

A resposta de Jesus é belíssima porque Ele não diz simplesmente: “Sim, sou Eu”. Ele aponta para evidências: cegos veem, coxos andam, leprosos são purificados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e pobres recebem boas-novas. Essas expressões ecoam especialmente Isaías 35:5, 6 e 61:1. Em outras palavras, Jesus responde à dúvida de João com a Escritura e com os frutos de Sua missão.

Historicamente, João Batista é uma das personagens do Novo Testamento mencionadas também pelo historiador judeu Flávio Josefo. Escrevendo no primeiro século, Josefo descreve João como homem virtuoso, registra sua grande influência sobre o povo e afirma que Herodes Antipas o aprisionou e executou na fortaleza de *Maqueronte*. Josefo enfatiza o receio político de Herodes diante da popularidade de João, enquanto os evangelhos destacam o conflito provocado pela denúncia do casamento de Herodes com Herodias. São perspectivas diferentes sobre o mesmo personagem histórico, e não precisamos necessariamente tratá-las como excludentes.

Há uma lição pastoral forte aqui. João não deixou de ser profeta porque teve perguntas na prisão. Sua pergunta não apagou seu chamado. Jesus não o humilha; oferece-lhe razões para continuar confiando. Fé não significa nunca ter perguntas. Significa saber para onde levar as perguntas.

Sexta-feira | Chamado ao ministério profético

A sexta-feira nos leva ao final de 1844. Para compreender a primeira visão de Ellen G. Harmon, precisamos resistir à tentação de começar a história já com a Igreja Adventista do

Sétimo Dia pronta. Em dezembro de 1844 ela não existia. O que havia era um movimento milerita fragmentado, decepcionado e tentando compreender o que havia acontecido em 22 de outubro.

Há um detalhe histórico que vale esclarecer. William Miller foi o principal responsável pela interpretação das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 como um período que culminaria próximo de 1843-1844. Entretanto, a data específica de 22 de outubro de 1844 foi desenvolvida e popularizada sobretudo por Samuel S. Snow, por meio da chamada “mensagem do sétimo mês”. Miller e outros líderes inicialmente demonstraram cautela e aceitaram a data somente quando o movimento já havia ganhado grande força.

Quando 22 de outubro passou e Jesus não retornou, o impacto foi devastador. Alguns abandonaram completamente a esperança adventista; outros procuraram novas datas; diferentes explicações começaram a surgir. É justamente nesse cenário, algumas semanas depois, que Ellen Harmon, então com 17 anos, participou de um pequeno momento de oração com outras mulheres na casa de uma família adventista na região de Portland, Maine. O White Estate situa sua primeira visão no final de dezembro de 1844.

É significativo observar o conteúdo principal daquela primeira experiência. A visão não entregou uma nova data para a volta de Jesus. Ellen viu o povo adventista caminhando em direção à Cidade Santa, com Cristo conduzindo o caminho. A mensagem fundamental era de orientação e esperança para pessoas que haviam acabado de experimentar uma profunda decepção. Segundo seu relato, a segurança dos viajantes estava em manter os olhos fixos em Jesus. O próprio White Estate resume as primeiras visões como destinadas a animar e fortalecer os mileritas desalentados.

Isso merece atenção porque combina com um padrão que vimos durante toda a semana. Abraão foi chamado em meio a um mundo marcado pela idolatria; Elias apareceu durante a apostasia de Israel; Isaías foi chamado em um momento de crise nacional; Daniel serviu em contexto de exílio; João preparou o povo para a chegada do Messias. Na compreensão adventista, o chamado de Ellen Harmon também ocorre em um momento de crise e desorientação religiosa.

Outro ponto importante é sua reação. Ellen não recebeu o chamado como oportunidade de projeção. Sua saúde era frágil, ela tinha pouca escolaridade formal, era muito jovem e temia a responsabilidade de falar publicamente. O White Estate destaca justamente sua relutância em assumir a missão e as dificuldades que acompanhariam os primeiros anos de seu trabalho. Isso a aproxima, pelo menos nesse aspecto, de um padrão bastante familiar nas narrativas bíblicas de chamado: o mensageiro não se sente suficiente para a tarefa.

A Lição utiliza aqui a expressão “profeta não canônico”. É importante entendê-la corretamente. “Não canônico” não significa “falso” ou “profeta de segunda categoria”. Significa simplesmente que seus escritos não integram o cânon das Escrituras. A própria Bíblia menciona profetas verdadeiros que não escreveram livros bíblicos: Natã, Gade, Hulda, Elias, Eliseu e, no Novo Testamento, Ágabo e suas filhas são exemplos evidentes. Portanto, a existência de um dom profético não exige necessariamente que a mensagem produzida se torne parte da Bíblia.

Ao mesmo tempo, essa distinção protege a singularidade das Escrituras. Para os adventistas, reconhecer um ministério profético em Ellen G. White não significa acrescentar novos livros ao cânon bíblico. Essa relação será aprofundada nas próximas lições, mas já podemos guardar uma regra importante: o dom profético serve à comunidade da fé; a Escritura permanece a norma pela qual doutrina e experiência são avaliadas.

E talvez seja essa a melhor maneira de terminar a semana. Os personagens estudados são muito diferentes entre si. Abraão foi patriarca; Elias confrontou um sistema religioso; Isaías atuou em Judá; Daniel serviu dentro de cortes pagãs; João viveu no deserto; Ellen Harmon era uma adolescente norte-americana no século 19. O contexto muda, o temperamento muda e a missão específica muda. Mas há um elemento comum: o chamado começa em Deus.

O verdadeiro profeta não pergunta primeiro: “Como posso construir uma plataforma para minha voz?” Ele recebe uma responsabilidade que não lhe pertence originalmente e precisa aprender a carregar uma mensagem que pertence a Outro.

Para levar à classe

A Lição 2 mostra que não existe um único “perfil psicológico” de profeta. Abraão teve suas fraquezas, Elias enfrentou momentos de enorme coragem e profunda fragilidade, Isaías se sentiu indigno, Daniel testemunhou dentro de estruturas políticas pagãs, João Batista teve dúvidas na prisão e Ellen Harmon teve medo de assumir a responsabilidade recebida. Deus não escolheu cópias de um mesmo tipo humano.

O que os une não é uma personalidade extraordinária, mas o fato de terem sido chamados. Talvez seja justamente essa a diferença entre vocação e ambição religiosa. A ambição pergunta: “Como posso ser ouvido?” A vocação pergunta: “O que Deus quer que seja ouvido?”

E o “Eis-me aqui, envia-me a mim” de Isaías só pode ser compreendido corretamente quando lembramos o que veio antes dele: “Ai de mim” e “a sua culpa foi removida”. Antes de Deus colocar uma mensagem nos lábios de Isaías, Sua graça tocou os lábios do mensageiro.

O profeta não é alguém que se tornou grande o suficiente para falar por Deus. É alguém que descobriu que, apesar de sua insuficiência, Deus decidiu chamá-lo.

Fontes de apoio utilizadas

Adult Bible Study Guide, 4º trimestre de 2026, Lição 2 - “The Call of a Prophet”, *para a estrutura e os assuntos de cada dia.*

Martti Nissinen, *Prophets and Prophecy in the Ancient Near East*, SBL Press, *para o contexto histórico da profecia em Mari, Assíria e outras sociedades do antigo Oriente Próximo.*

The Metropolitan Museum of Art, materiais sobre Ugarit e a religião cananeia, *para o contexto de Baal como divindade associada à tempestade e fertilidade.*

Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas 18*, *para a referência histórica externa a João Batista, sua influência e sua morte sob Herodes Antipas.*

Ellen G. White Estate, materiais oficiais da Lição 2 e biografia de Ellen White, *para sua primeira visão, idade, contexto histórico e relutância inicial diante da missão.*

Encyclopedia of Seventh-day Adventists, verbete sobre Samuel S. Snow, *para o desenvolvimento e a divulgação da data de 22 de outubro de 1844 no movimento milerita.*

ⁱ Julio Cesar Ribeiro é pastor, teólogo e professor. Doutorando em Teologia Bíblica pela Universidad Adventista del Plata (Argentina), é mestre em Teologia Cristã pela PUC-SP, mestre em Teologia Bíblica pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia - SALT (*intra corpus*), especialista em Teologia Bíblica e bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP. Atuou como secretário executivo e assistente técnico-administrativo do Centro de Pesquisas Ellen G. White, no UNASP Engenheiro Coelho (2018-2022), foi assistente de direção na Faculdade de Teologia (2022-2023) e professor universitário em diversas graduações na mesma instituição (2022). Atualmente, é pastor escolar no Colégio Adventista de Jundiá. No Brasil, é associado à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (Anptecre), à Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter) e à Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (Abib), tendo integrado a diretoria desta última no biênio 2023-2024. Internacionalmente, é membro da *ATS - Adventist Theological Society*, da *ETS - Evangelical Theological Society* e da *SBL - Society of Biblical Literature*. Desenvolve pesquisas em línguas bíblicas, Antigo e Novo Testamento, com especial interesse no Pentateuco e na literatura joanina. E-mail: julio.ribeiro@adventistas.org
Mais informações sobre o autor em: julioribeiro.com/biografia